

O injusto esquecimento de um personagem enigmático

Lutero Rodrigues

Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Instituto de Artes – lutero.rodrigues@unesp.br

Resumo: Quanto mais nos aproximamos da crítica artística e musical brasileira da segunda metade do século XIX, mais nos deparamos com os textos de Alfredo Camarate, sobretudo se conhecemos seus diversos pseudônimos que demoramos alguns anos para desvendar. Considerado o fundador da crítica artística no Rio de Janeiro onde atuou cerca de 20 anos, trabalhou também em Minas Gerais e São Paulo, onde veio a falecer, deixando vasta produção que foi sendo esquecida ao longo do século XX, a qual tencionamos resgatar.

Palavras-chave: Alfredo Camarate. Crítica artística e musical. História da música no Brasil.

The Unfair Oblivion of an Enigmatic Character

Abstract: The closer we get to Brazilian artistic and musical criticism of the second half of the 19th century, the more we come across Alfredo Camarate's texts, especially if we know his various pseudonyms that it took us a few years to unravel. Considered the founder of artistic criticism in Rio de Janeiro, where he worked for about 20 years, he also worked in Minas Gerais and São Paulo, where he died, leaving a vast production that was forgotten throughout the 20th century, which we intend to rescue.

Keywords: Alfredo Camarate. Artistic and Musical Criticism. History of Music in Brazil.

1. Em busca de um personagem enigmático

Em nossa pesquisa de Doutorado (USP - 2009), a partir de referência da *Bibliografia musical brasileira*, de Luiz Heitor Correia de Azevedo, tivemos contato com o artigo “Carlos Gomes e o ‘Salvator Rosa’”, publicado na *Revista Musical e de Bellas Artes*, de 1880, assinado apenas com as iniciais A. C. Se a obra de Luiz Heitor sugere o conteúdo do texto, nada informa, porém, sobre a identidade do autor que nos permaneceu desconhecida durante toda a pesquisa, continuando apenas A. C., nas referências bibliográficas. Com tão pouca informação, não conseguimos identificá-lo através da *Enciclopédia de literatura brasileira*, de Afrânio Peixoto e Galante de Sousa, publicação essencial para este fim.

Em 2016, durante nova pesquisa sobre a estreia de *O Guarany* em Lisboa (1880), resultando em comunicação apresentada no XI Encontro de Musicologia Histórica de Juiz de Fora, novamente nos deparamos com outro texto que nos foi de grande valia, mais uma vez publicado na *Revista Musical e de Bellas Artes* e igualmente assinado por A. C. Na tentativa de

identificá-lo incorremos em alguns erros, observando, porém, que o autor demonstra vasto conhecimento da vida musical de Lisboa e de seus críticos musicais àquela época.

Finalmente, em 2018, durante pesquisa então realizada para o Congresso Caravelas daquele ano, acontecido em Lisboa, foi-nos revelada a identidade daquele autor que já admirávamos havia algum tempo, tanto pela amplitude de suas informações, quanto por seus conhecimentos musicais específicos: seu nome era Alfredo Camarate (1840-1904), jornalista português que possuía ampla formação humanística, musical e técnica, na área de Arquitetura e artes visuais. Viveu no Brasil a partir de 1872, sobretudo no Rio de Janeiro, com breves permanências em Ouro Preto e São Paulo, onde veio a falecer, tendo ainda realizado viagens à Europa e Argentina, informações que obtivemos ao longo da pesquisa.

Sua identidade, porém, não nos foi revelada por textos da área musical, mas das artes visuais informando-nos que era ativo colaborador da *Revista Musical e de Bellas Artes*. Assim chegamos às iniciais que por alguns anos procurávamos saber o significado. Retornando à *Enciclopédia de literatura brasileira* com seu nome, veio-nos mais uma razão das dificuldades que tivemos para identificá-lo, ou seja, o seu uso sistemático de diversos pseudônimos, dentre os quais encontramos, com maior frequência, Alfredo Riancho e Júlio Huelva, tanto assinados por extenso quanto apenas com suas letras iniciais. Logo adiante, iremos expor algumas reflexões sobre seus numerosos pseudônimos.

O processo de busca pelo significado daquelas letras foi também dificultado pela mínima projeção que seu nome passou a ter no século XX. Pouquíssimas são as menções a Alfredo Camarate nas principais obras da nossa Historiografia musical, todas elas escritas no século XX. No entanto, em recente trabalho acadêmico sobre a construção de Belo Horizonte – construção esta que Camarate esteve envolvido como arquiteto – encontramos menção a um livro de Américo Pereira em que o autor afirma que Camarate foi “o fundador da crítica musical no Brasil” (COSTA, 2014: 63). Semelhante informação também é encontrada em crítica musical assinada por um dos nossos mais notáveis críticos, referindo-se ao mesmo personagem como “fundador da crítica artística no Rio de Janeiro” (GUANABARINO, *apud* GOLDBERG *et al.*, v. 2, 2019: 168). Foi então que iniciamos a pesquisa sistemática nos periódicos da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, constatando numerosa presença de Camarate e seus pseudônimos, além de observar o grande respeito que ele desfrutava no meio jornalístico da nossa Capital, ao fim do século XIX. Como explicar seu rápido esquecimento?

2. Possíveis razões dos pseudônimos e nossas fontes principais

O uso de pseudônimos era uma prática muito difundida no meio jornalístico brasileiro do século XIX, por razões as mais diversas. Embora julguemos hoje que assim fosse possível ocultar os verdadeiros autores somente do público leitor, nos relatos de Camarate há ocasiões que, mesmo no meio jornalístico coetâneo, surgem dúvidas sobre a real identidade de quem estaria por detrás do pseudônimo, assunto que adiante ilustraremos com um exemplo. Em busca de possíveis razões que o fizeram adotar esta prática de maneira sistemática, levantamos, empiricamente, ao menos duas hipóteses, partindo de sua formação múltipla – como músico, conhecedor de artes visuais, arquiteto e literato – que o possibilitaria atuar sem desconforto em todas estas áreas. Contribuíram também informações que obtivemos, ao longo da pesquisa, sobre suas atividades em diversos periódicos.

A primeira hipótese seria que nome ou pseudônimo esteja vinculado à uma das áreas exclusivamente, mas logo foi refutada pelos textos críticos que encontrávamos. A segunda hipótese, que estariam vinculados aos gêneros mais presentes nos textos escritos, a saber, críticas de arte e crônicas. Sua ocorrência pode ser notada em alguns casos, mas nossa amostragem ainda não foi suficiente para conclusões mais gerais. Por outro lado, sua intensa prática jornalística, sobretudo no Rio de Janeiro, exercendo atividades simultâneas em periódicos diferentes, leia-se concorrentes, ou escrevendo textos de gêneros diferentes no mesmo periódico, poderia sugerir outras hipóteses, no entanto o assunto merece muito mais tempo de estudo do que dispusemos.

Numerosas fontes que nos serviram neste trabalho surgiram quase sempre ao acaso, permitindo descortinar Alfredo Camarate de maneira descontínua e ocasional. Pouco a pouco fomos construindo o quebra-cabeças que nos revelou parte da sequência dos fatos que viveu, os periódicos que colaborou, seus deslocamentos em busca de trabalho e algumas viagens a serviço de entidades, amparados por resumos biográficos encontrados que nos serviram de guias. Sabendo muito pouco, geralmente por ele mesmo, de sua vida anterior ao período brasileiro, somente nos limitaremos a ele. Ao conhecermos os pseudônimos, pudemos associá-los a referências que já conhecíamos há vários anos, sem saber que se tratavam dele, das quais, algumas serão ainda aqui comentadas.

Cronologicamente, as primeiras descobertas vieram de textos mineiros relatando o período em que Camarate participou da construção de Belo Horizonte, atuando como arquiteto, após o declínio econômico de suas atividades como jornalista no Rio de Janeiro, ao final da década de 1880. Dentre as publicações mais informativas, destacaria a Dissertação de Mestrado

de Thiago Carlos Costa, do ano de 2014, na UFMG, que não se esquece da continuidade de suas atividades de cronista e músico em terras mineiras, assim como também nos indica seu passo seguinte, a ida para São Paulo. Através da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, prosseguimos então pesquisando sua próxima e última etapa, em São Paulo, onde veio a falecer em 1904.

Salienta-se ali sua rica, mas breve, colaboração com o jornal *Correio Paulistano* no ano de 1899, deixando-nos variada produção, e dentre ela algumas séries de crônicas temáticas. Logo concentramos nosso interesse na série “Peccados de jornalista”, com cerca de 40 publicações, muitas delas autobiográficas, o que muito nos auxiliou a conhecê-lo melhor. Assim sendo, mais por obra do acaso, Camarate compartilhou conosco um precioso conhecimento do seu próprio passado que, de outra maneira, teria nos custado muito mais tempo para ser alcançado. Por outro lado, a posse deste conhecimento tornou bem mais produtiva a nossa busca por suas atividades nos anos anteriores, na mesma Hemeroteca.

Durante a pesquisa observamos a volatilidade da carreira dos jornalistas que trabalhavam em periódicos naquela época e isso também se deve à existência transitória de muitos periódicos, principalmente aqueles de menor porte. Novos periódicos surgiam a cada dia, mas sua existência média, muitas vezes, não superava uma dezena de números publicados, o que se aplica mais a revistas que jornais. Sendo Camarate um profissional tão qualificado em diversas áreas, não demorou muitos anos para ser reconhecido. Também ocorreu sua colaboração em mais de um periódico simultaneamente, incluindo tanto diferentes jornais, quanto jornal e revista, como o *Jornal do Commercio* e a *Revista Musical e de Bellas Artes*, já mencionada, o que seria consequência natural de sua múltipla formação.

No entanto, quando tomamos dados referentes à sua permanência em cada periódico e até à longevidade dos mesmos, disponíveis na já mencionada *Enciclopédia de literatura brasileira*, encontramos numerosas disparidades ao estabelecermos comparações com seus correspondentes, obtidos através da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

3. O início e apogeu no Rio de Janeiro

Mesmo nos textos autobiográficos, encontramos poucas referências a sua atuação como jornalista em Portugal e tampouco estão claras as razões do seu traslado ao Brasil. Há quase consenso em que aqui teria chegado em 1872, mas alguns comentários biográficos, após sua morte, afirmam que aqui já teria estado anos antes, retornando depois. Daremos, porém, prioridade às informações de sua própria autoria. Camarate escreve que trabalhou como

V Simpósio Internacional Música e Crítica
Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas
22-23 de novembro de 2021

Inspetor de Ensino do Conservatório do Rio de Janeiro por “muitos anos”, enquanto também era “[...] crítico musical, de uma das folhas diárias daquela capital, [...]” (CAMARATE, 28 jul. 1898: 1). Há numerosas referências a seu vínculo de trabalho com o Conservatório, embora haja controvérsias quanto ao ano em que esse vínculo terminou.

A mais conhecida fonte sobre sua atuação na imprensa é a *Enciclopédia de literatura brasileira*, de Afrânio Coutinho e José Galante de Sousa, que muito nos serviu para acompanhar sua trajetória pelos periódicos cariocas, ensinando-nos também que é quase impossível ter precisão sobre sua permanência em cada periódico. Logo adiante faremos alguns comentários sobre a atividade do jornalismo nos periódicos cariocas de então, a partir de informações obtidas em nossa própria pesquisa. Bem antes de sabermos da existência de Camarate ou de seus pseudônimos, nosso primeiro contato com suas atividades na grande imprensa diária do Rio de Janeiro foi através de um de seus pseudônimos: Julio Huelva.

Em uma compilação de críticas de Oscar Guanabarro havíamos encontrado uma elogiosa referência a este nome e sua conduta. Sobre sua atividade crítica no *Diário Popular*, Guanabarro diferencia-o do restante da crítica carioca que não soube apreciar a ópera *Fosca*, de Carlos Gomes, programada em 1877 para a estreia da Companhia Ferrari, empresa italiana de óperas, no Rio de Janeiro, após ter sido apresentada com grande êxito em Buenos Aires. Em seu texto, Guanabarro lamenta ainda que aquele jornal tenha durado tão pouco, “apesar do prestígio do seu crítico *Julio Huelva*” (GUANABARRO, 1880: 7). Como já foi dito, somente após o conhecimento do nome “Alfredo Camarate” foi que chegamos a seus pseudônimos, através da *Enciclopédia de literatura brasileira*.

Entretanto, desde 1875, Julio Huelva já colaborava em outro periódico, a *Gazeta de Notícias*, deixando-o em 1876 para acompanhar “Manoel Carneiro, um dos mais notáveis jornalistas que tem tido o Brasil” (CAMARATE, 3 mai. 1899: 1). Após divergências, Carneiro deixava a *Gazeta de Notícias* para fundar o *Diário Popular* que só existiu poucos anos. Mesmo trabalhando no Rio de Janeiro há tão pouco tempo, Camarate não apenas havia angariado prestígio, mas também já exercia influências no segmento da crítica artística, não somente musical, conforme afirma o texto seguinte, produto de abrangente pesquisa:

Antes disso, em dezembro de 1875, Júlio Huelva - pseudônimo utilizado pelo arquiteto Alfredo Camarate - se tornou responsável pela sessão de críticas do recém fundado jornal *Gazeta de Notícias* e, através de seus artigos propôs novos paradigmas estéticos para o desenvolvimento da arte nacional. Comentando a Exposição Geral da AIBA [Academia Imperial de Bellas Artes] realizada neste mesmo ano, Huelva exalta a escultura *Um índio surpreendido por um réptil*, apresentada por Rodolpho Bernardelli e através destes comentários, indicia ao mesmo tempo a sua inclinação em

V Simpósio Internacional Música e Crítica
Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas
22-23 de novembro de 2021

favor da estética naturalista e o seu posicionamento crítico em relação aos métodos de ensino praticados pela Academia (SANTOS, 2015: 18).

Num dos textos de Julio Huelva desse período, pode-se encontrar seu credo artístico: “O naturalismo é o santo e a senha de todas as escolas, o único modelo a consultar, o único exemplo a seguir [...] Não queremos as exagerações da escola realista, mas entre ser realista e consultar o ‘natural’, vai uma considerável diferença (HUELVA, apud SANTOS, 2015: 18-19).

Mais de 20 anos depois, Camarate relembra, com bom humor, um episódio daquele momento do passado que já o demonstrava ser possuidor de renome na imprensa carioca. Após uma apresentação local da ópera *A Africana*, de Meyerbeer, seu chefe da *Gazeta de Notícias* comparou a crítica publicada a respeito, no *Jornal do Commercio*, com crítica à mesma ópera publicada anteriormente em periódico francês, constatando que uma era a cópia textual da outra. Seu chefe decidiu então denunciar o plágio do seu poderoso concorrente, escrevendo anonimamente um artigo bem-humorado, com o sugestivo título de “Apanhei-te, cavaquinho!”¹. A matéria “fez uma profunda impressão no Rio de Janeiro” e a maioria dos leitores pensou ter sido ele, Julio Huelva, o anônimo autor do artigo denunciante (CAMARATE, 5 mai. 1899: 1).

Camarate deu então o maior passo de sua vida aqui no Brasil: foi convidado para ser Redator do poderoso *Jornal do Commercio*, cerca de três anos após o episódio do plágio ocorrido no mesmo jornal. Ele narra que recebeu encontrar o chefe do jornal, o jornalista Luiz de Castro, português como ele, porque havia o pensamento generalizado de que ele, Camarate (Julio Huelva), tivesse sido o autor da rumorosa denúncia. Foi bem recebido por Luiz de Castro que, ao contrário de repreendê-lo, justificou-se dizendo que não conhecia música, tendo aceitado publicar o texto de um colaborador: “E, durante cerca de treze anos, vivi na maior intimidade de Luiz de Castro, devendo-lhe os maiores favores e considerando-o como o melhor chefe que até então havia tido” (CAMARATE, 5 mai. 1899: 1).

Foi durante esse período que Camarate colaborou também com a *Revista Musical e de Bellas Artes*, *RMBA* de forma abreviada, mais importante publicação periódica da área musical no tempo do Império, que se manteve, regularmente, durante os anos de 1879 e 1880. Foi através da *RMBA* que tivemos o primeiro contato com um texto de Camarate, assinado apenas com as iniciais A. C., demorando alguns anos para descobrirmos sua identidade, embora

¹ Encontramos a publicação que ocorreu no dia 12 de setembro de 1876, sendo uma denúncia inquestionável.

V Simpósio Internacional Música e Crítica
Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas
22-23 de novembro de 2021

nossa busca não tenha sido contínua nem exclusiva, dedicando-nos também a outras variadas pesquisas e publicações. Finalmente, como foi narrado no início, associamos as iniciais ao nome de Alfredo Camarate; mas aquela busca despertou-nos o desejo de conhecer melhor o autor e aqui estamos, apresentando os resultados das pesquisas.

Uma publicação que já em seu nome consta não se ocupar somente de música, mas também *Bellas Artes*, seria o espaço de atuação ideal para Camarate. No entanto, durante o primeiro ano, não se costumava identificar os autores das matérias de abertura que, em geral, tratavam dos temas mais instigantes. Por conseguinte, apenas podemos supor que algumas delas poderiam ter sido escritas por Camarate. No segundo ano, passou-se a identificar muitos dos autores daquelas matérias o que, segundo a própria *RMBA*, teria sido um pedido dos seus leitores. De todas as publicações que pesquisamos, é da *RMBA* que temos a mais ampla visão do seu conteúdo, tanto porque todos os seus números estão disponíveis na Hemeroteca da BN.

Ali se pode ver que Camarate, embora utilizasse pseudônimos ou apenas suas iniciais, não se escondia dos temas mais controversos e não evitava de opinar sobre questões polêmicas. Em geral, estas quase não se encontravam na área musical, mas abundavam nas artes visuais. Ele costumava ser um crítico contundente da Academia Imperial de Bellas Artes, considerando seu ensino retrógrado e questionando suas ações (CAMARATE, 27 mar. 1880: 79-80). Quando ocorreu a estreia de *Il Guarany* em Lisboa, Camarate opôs-se com firmeza às opiniões de alguns críticos locais, demonstrando conhecê-los bem, mesmo sendo ele também português² (CAMARATE, 24 abr. 1880: 65-7).

Na *RMBA*, quase sempre assinava suas matérias com as iniciais A. C. e poucas vezes utilizava as iniciais A. R., de Alfredo Riancho, um de seus pseudônimos. Surgiram dúvidas, porém, sendo André Rebouças um dos colaboradores da publicação, sobretudo no primeiro ano quando publicou uma livre biografia, em formato e estilo de Folhetim, dos primeiros anos de Carlos Gomes no Brasil, texto que resenhamos em nosso trabalho de Doutorado (RODRIGUES, 2011: 18-28). Julgou-se que as iniciais A. R. seriam de André Rebouças, em um texto sobre Mozart³, no entanto, o engenheiro assinava por extenso, “André Rebouças”, ou “Dr. A. R.”, em suas numerosas colaborações para a *RMBA*.

Por fim, mais uma prova do prestígio de Camarate no Rio de Janeiro também pode ser encontrada na *RMBA*. Comentando-se que o jornal parisiense *Le Siècle* havia ressaltado a

² Assunto de nosso artigo publicado nos *Anais XI Encontro Musicologia Histórica de Juiz de Fora* (Referências).

³ Ver *Revista Brasileira de Música*, v. 19, p. 23, 1991.

V Simpósio Internacional Música e Crítica
Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas
22-23 de novembro de 2021

existência da *RMBA* no Rio de Janeiro, sua resposta encontra-se na matéria de abertura que responde, em francês, destacando seus principais colaboradores:

Nous citerons, au premier plan, le nom d'Alfredo Camarate, rédacteur du "Jornal do Commercio" qui nous a puissamment aidé de ses conseils, d'une valeur réelle, grâce à une longue pratique du journalisme et aux connaissances artistiques spéciales qu'il possède⁴ (*Revista Musical e de Bellas Artes*, 13 mar. 1880: 41).

Um dos destaques do período em que Camarate esteve vinculado ao *Jornal do Commercio* foi o de representar o periódico, atuando como "Secretário da Comissão Brasileira" que organizou a mostra dos produtos do país, na Exposição Continental de 1882, em Buenos Aires. Sua atuação naquela ocasião valeu-lhe a condecoração de Cavaleiro da Ordem da Rosa, concedida pelo Imperador Don Pedro II. Mas nem todos os momentos na Argentina foram prazerosos, conforme sua própria descrição dos acontecimentos, nos anos finais de sua vida, em São Paulo.

Ele narra a riqueza da vida musical local, com destaque dos diversos teatros de ópera de Buenos Aires. Sua reputação como crítico musical fez com que fosse procurado pelo jornal *El Nacional*, para realizar, enquanto ali permanecia, a crítica de uma companhia lírica menor que estava atuando no Teatro *Nacional*, em concorrência com o grande Teatro *Colón*. Perguntando a respeito, deram-lhe liberdade de escrita; no entanto, muito pouco encontrou que tivesse qualidade e assim escreveu. O gerente sugeriu mudanças, ele não aceitou, e assim a matéria foi publicada, mas assinada por ele. Foi um escândalo na imprensa argentina, tendo ele recebido múltiplas ofensas. Explica que eram duros entre si com assuntos políticos, mas muito cuidadosos com a crítica musical do gênero operístico.

Ele mesmo decidiu responder em nova matéria, com o título, "Para algo sirve la severidad" e esperou pelo pior. Como ali tais casos terminavam em duelos com certa frequência, foi procurado pelos militares brasileiros da comitiva que lhe ofereceram seus préstimos, mas felizmente, nada de mal aconteceu. Ao contrário: recebeu o convite de outro jornal, *Nación*, para ser seu crítico teatral, com liberdade, exercendo-o por mais alguns meses enquanto permaneceu em Buenos Aires (CAMARATE, 13 mai. 1899: 1).

Durante o período do *Jornal do Commercio*, ainda encontramos referência à postura de Camarate, frente a uma determinada imposição social absurda e retrógrada, que julgamos

⁴ Citaremos, em primeiro plano, o nome de Alfredo Camarate, editor do "Jornal do Commercio" que nos ajudou poderosamente com seus conselhos, de real valor, graças a uma longa prática de jornalismo e ao especial conhecimento artístico que possui. (Tradução do autor)

digna de ser mencionada; e novamente recorremos ao testemunho de Oscar Guanabarrino. Relata ele que ambos eram excomungados do Club Beethoven, o mais importante e seletivo clube musical do Rio de Janeiro, porque “discutiam o absurdo da exclusão das senhoras”, em seus concertos de música de câmara. O Club receava “que a ordem de não falar durante a execução das peças fosse muito difícil ao belo sexo” (GUANABARRINO, 4 set. 1887: 2). Não possuímos elementos para saber as consequências da publicação desta matéria; sabe-se, porém, que a presença feminina nos concertos de música de câmara passou a ser permitida no Club Beethoven, a partir de 1888, ou seja, no ano seguinte⁵.

Até agora nada mencionamos sobre outra atividade de Camarate que sempre o acompanhou no Rio de Janeiro, a composição. No entanto, só podemos julgar suas obras através de seus títulos e estes sugerem tratar-se do que se convencionou denominar “música ligeira”. Publicações de suas composições encontram-se sempre anunciadas nos periódicos, em geral peças destinadas ao piano, na seção que lhe é devida, porém são frequentes as menções de suas obras serem executadas em diferentes apresentações, inclusive nas seletas seções de música de câmara do Club Beethoven, demonstrando que agradavam ao público.

São encontradas também algumas menções a seus “arranjos”, assim como atuações como regente de grupos musicais, geralmente bandas. Deve-se lembrar que em sua formação, sempre é citado que estudou Flauta e queria ser flautista, mas a vida conduziu-o por outros caminhos. Em um dos textos autobiográficos do final de sua vida, encontra-se uma reflexão sobre a formação de músicos que merece ser conhecida, falando com alguma amargura das perspectivas futuras dos estudantes de música e referindo-se ao período em que trabalhava no Conservatório Imperial (CAMARATE, 28 jul. 1898: 1).

Sua maior permanência em um periódico brasileiro ocorreu no *Jornal do Commercio*, mas não conseguimos precisar o início e final de sua cooperação neste jornal. Ele mesmo diz, em texto de cunho autobiográfico do final da vida, que ali permaneceu por 14 anos (CAMARATE, 20 abr. 1899: 1). Tampouco alcançamos compreender as razões de seu afastamento, em torno do início da década de 1890, quando todo o país passava do Império à República. Não há razões políticas, pelos indícios encontrados: “Há quem diga que o secretário do Instituto Nacional de Música será o Sr. Alfredo Camarate” (*Jornal do Commercio*, 23 dez. 1892: 2), ou seja, se era cogitado para secretário do INM, certamente mantinha boas relações com os republicanos.

⁵ Ver AUGUSTO, 2010: 145.

V Simpósio Internacional Música e Crítica
Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas
22-23 de novembro de 2021

O fator que mais nos sugere indicar a origem de tais razões foi o falecimento do jornalista Luiz de Castro, o “chefe do jornal” antes mencionado, com quem Camarate mantinha as melhores relações profissionais e que certamente o prestigiava. O Dr. Luiz de Castro, como era conhecido, morreu em maio de 1888, sendo alvo de grandes homenagens em múltiplos setores do Rio de Janeiro. Hoje, o Luiz de Castro que melhor conhecemos era seu filho, parceiro importante de Alberto Nepomuceno e do INM.

Mudando de proprietário o velho órgão, Alfredo Camarate não encontrou mais o apoio que lhe davam naquela folha, e um belo dia em que melindrou-se, mandou sua demissão. Começou então para o nosso colega uma verdadeira peregrinação pela imprensa e o seu talento deixou vestígios na *Gazeta de Notícias*, no *Jornal do Brazil*, no *Industrial* e em muitos outros jornais. Infelizmente, porém, esta Capital Federal ainda não é o que muita gente pensa, e um jornalista que se ocupa de coisas da arte não encontra trabalho remunerador que baste para prover a subsistência de uma família decente (*Gazeta Musical*, n. 6, abr. a jun. de 1893: 85).

Sem conseguirmos precisar até quando permaneceu no *Jornal do Commercio*, em 1891 vamos encontra-lo como colaborador do recém-fundado *Jornal do Brazil*, assinando matéria sobre a ópera *Gioconda*, de Ponchielli, que estava sendo apresentada no Rio de Janeiro (CAMARATE, 11 jul. 1891: 1-2). Em outro momento, na seção de “Variedades” e com o título de “Aventuras extraordinárias!”, a matéria já é assinada por Alfredo Riancho (RIANCHO, 10 ago. 1891: 2). Por fim, seu nome é citado entre os colaboradores do jornal em artigo que traça as características da publicação, assinado por Joaquim Nabuco: “Um Perfil de Jornal” (NABUCO, 27 out. 1891: 1). A partir de então, apenas encontramos seu nome citado ocasionalmente em outros periódicos do Rio de Janeiro e depois disso, em Minas Gerais.

4. Minas Gerais e São Paulo, as últimas esperanças de trabalho

Camarate passou a viver em Ouro Preto, em 1893, onde exerceu a profissão de arquiteto, mais uma de suas múltiplas qualificações, trabalhando na construção da nova capital do Estado de Minas Gerais, até então sediada em Ouro Preto. Integrava a Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC), tendo executado diversas funções. Ali, em 1892, havia sido criado o jornal *Minas Gerais*, diário oficial do Estado de Minas Gerais. Além de suas atribuições como arquiteto, Camarate logo passou a colaborar neste jornal e também no periódico *O Contemporâneo*, de Sabará, cidade da qual o Arraial de Belo Horizonte era distrito naquela época (COSTA, 2014). Somando-se a tantas atividades, no periódico local (6 ago. 1893: 8),

V Simpósio Internacional Música e Crítica
Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas
22-23 de novembro de 2021

encontra-se anúncio do oferecimento de aulas de piano e teoria musical por Alfredo Camarate (CASTRO, 2012: 66).

A produção literária de Camarate que se considera ser a mais importante daquelas realizadas em terras mineiras é a série de crônicas da seção “Por entre Montes e Vales”, do periódico *Minas Gerais*, que compreende 54 crônicas sobre o Arraial de Belo Horizonte, publicadas 2 vezes por semana, durante o ano de 1894. Sempre as assina com o pseudônimo Alfredo Riancho, reproduzindo um dos vários sobrenomes do seu pai, o que foi observado por alguns estudiosos (COSTA, 2014: 66-67). Vimos aqui mesmo várias ocorrências do mesmo pseudônimo, em ocasiões que se ocupava com crônicas ou textos destinados à seção de “variedades”. No entanto, pelo interesse que despertaram em pesquisadores e literatos mineiros, é muito provável que estas crônicas sejam a parcela mais conhecida e melhor estudada, de toda a vasta produção crítico-literária de Alfredo Camarate no Brasil.

Desse modo, os textos de Camarate funcionavam como mais uma ferramenta ideológica para construir o campo simbólico e prático idealizado pelos governantes mineiros, justificando a necessidade da nova capital em um lugarejo atrasado e sem perspectivas, com argumentos fornecidos por um técnico estrangeiro, viajado e experiente – principalmente se pensarmos que Camarate escreve para o Diário Oficial do Estado (COSTA, 2014: 85).

Em Minas Gerais, porém, Camarate não se restringiu às funções de arquiteto e cronista, exercendo outras atividades. Em março de 1895, no Rio de Janeiro, é anunciada sua partida para a Europa no mês seguinte (*Jornal do Commercio*, 23 mar. 1895: 3). É provável que sua qualificação e vivência europeia tenham levado a CCNC a designá-lo para comprar materiais destinados à construção da nova capital mineira, permanecendo na Europa durante vários meses, conforme notícia divulgada muito após seu retorno (*Jornal do Commercio*, 13 ago. 1897: 2). Enquanto lá esteve, enviou numerosas matérias para a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, configurando mesmo uma série que denominou “Viagem a prosa reduzida”, assinando Alfredo Riancho⁶ (*Jornal do Commercio*, 13 set. 1895: 5).

Em 1896, ano em que morreria Carlos Gomes no mês de setembro, fundou uma banda de música formada por “alguns músicos que vieram de Ouro Preto para trabalhar nos mais variados setores da construção da capital. Eram pedreiros, carpinteiros, ajudantes, serventes, engenheiros e outros trabalhadores” (CASTRO, 2012: 76). Deu-lhe o nome de Sociedade Musical Carlos Gomes, contando com 15 músicos em sua estreia, quando tocou

⁶ Encontramos a matéria reproduzida no referido *Jornal do Commercio*.

V Simpósio Internacional Música e Crítica
Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas
22-23 de novembro de 2021

obras de Wagner e Carlos Gomes, arranjadas por Camarate. “A primeira banda de música de que se tem registro em Belo Horizonte”, fundada em 11 julho de 1896 (CASTRO, 2012: 94).

Em 1897, quando a nova cidade ainda estava em obras, teve ocasião o segundo concerto ali realizado, no dia 30 de setembro, inaugurando o salão de festas do Grande Hotel. Apresentou-se a violinista Giulietta Dionesi, auxiliada por Bickerli e Grossoni (não se especifica seus instrumentos), contando com a crítica musical de Alfredo Camarate que foi publicada no periódico *A Capital*. A violinista tocou o repertório virtuoso típico do século XIX, terminando com uma obra de Paganini. Camarate referiu-se a ela como uma “deusa egípcia”, enaltecendo sua técnica muito apurada e prodigiosa agilidade. Sem que conheçamos melhor a fortuna crítica ali deixada por ele, podemos supor que esta tenha sido uma das únicas ocasiões em que voltou a exercer plenamente sua capacidade como crítico musical, embora num contexto pouco exigente, diferente daqueles em que atuara antes (CASTRO, 2012: 74).

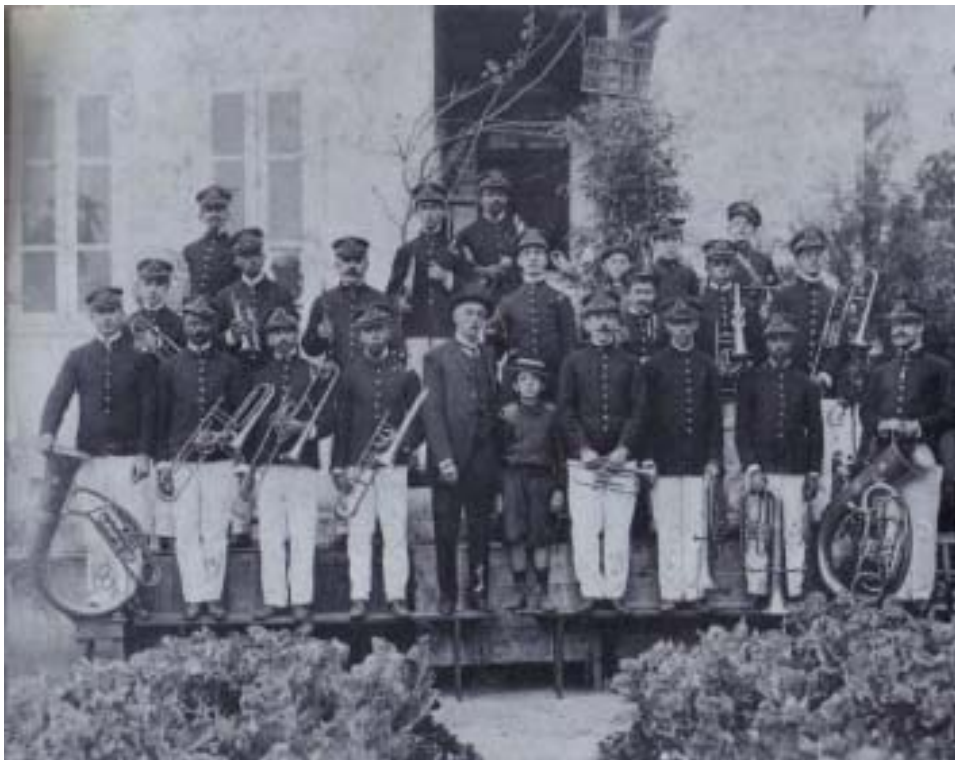


Fig. 1: “Reprodução fotográfica da Sociedade Musical Carlos Gomes, fundada por Alfredo Camarate em 1896, no atual bairro do Calafate. Alfredo Camarate é homem de cartola, e terno ao lado de uma criança, bem ao centro da imagem” (COSTA, 2014: 126). Acervo: Museu Histórico Abílio Barreto.

No dia 3 de fevereiro de 1898, o jornal *A Capital* anuncia a partida de Alfredo Camarate para a cidade de São Paulo (CASTRO, 2012: 66). Ali, já no dia 15 do mesmo mês, ele oferece “Lições de piano”, apresentando-se: “Alfredo Camarate, ex-inspetor do Ensino no

V Simpósio Internacional Música e Crítica
Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas
22-23 de novembro de 2021

Imperial Conservatório de Música do Rio de Janeiro” (*Correio Paulistano*, 15 fev. 1898: 4). Fornece como contato e fonte de informações a Casa Levy, mais tradicional loja de instrumentos da cidade. Ainda durante o ano de 1898, Camarate colabora no jornal *Commercio de S. Paulo*, e em algumas ocasiões também escreve para o *Correio Paulistano*. Durante 1899, porém, transforma-se totalmente esse quadro, tornando-se ele um colaborador regular do jornal *Correio Paulistano*, para o qual produz matérias diárias, sempre publicadas à primeira página, inclusive quando assina mais de um texto na mesma edição, geralmente utilizando seu nome e um pseudônimo, respectivamente.

Este momento da nossa pesquisa foi muito favorecido pelo acesso que obtivemos a uma maior proporção de matérias que de outros períodos anteriores, muitas delas com referências autobiográficas que nos permitiram dar um formato mais inteligível ao descontínuo mosaico de informações que até ali enfrentávamos. Talvez pressentindo que estava vivendo seus últimos anos de vida, ele passou a escrever séries temáticas de conteúdo mais subjetivo e biográfico, com destaque especial daquela que denominou “Peccados de jornalista”, rica em informações e bem-humorada, característica esta que já se comentava existir em muitos dos seus textos, nos tempos do Rio de Janeiro.

Embora não a tenhamos obtido integralmente, a série “Peccados de jornalista” também nos demonstra seu grau de envolvimento e importância naquele periódico, mas sobretudo a intensidade do seu trabalho, produzindo matérias diárias com exceção de apenas um dia por semana. A série alcançou cerca de 40 episódios, no entanto devemos mencionar mais um fato que demonstra seu empenho naquele jornal, com a ressalva de que poderia não ter sido um fato único, mas foi apenas aquele que localizamos por acaso: em uma das edições, à mesma página de mais um número da série, encontramos também a bem-humorada matéria “Dezessete pianos!”, assinada por um de seus pseudônimos, Alfredo Riancho (*Correio Paulistano*, 24 mai. 1899: 1).

No mesmo jornal identificamos outras séries menores, todas durante o ano de 1899, das quais obtivemos poucos episódios. Antes de “Peccados de jornalista”, bem ao início do ano, no mês de janeiro, a série “As línguas estrangeiras” com mais de 10 episódios. Após tantos anos de atividades em diversos países da Europa, o que comentam seus resumos biográficos anteriores, Camarate deveria ter amplo conhecimento de diversas línguas daquele continente, especialmente a língua francesa, da qual traduziu vários livros ao português. De outra série, do mês de fevereiro, obtivemos somente o episódio número 4, mas poderia ter algum significado para os padrões sociais da época. Seu título: “Pensem na mulher” (*Correio Paulistano*, 9 fev.

V Simpósio Internacional Música e Crítica
Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas
22-23 de novembro de 2021

1899: 1). Com episódios esparsos em meses diferentes, a partir de junho, a série “Viagens tormentosas” relata sua própria vivência pessoal. Em geral são todas crônicas, o que indica sua preferência, ou mesmo a preferência do público leitor e dos periódicos.

Em São Paulo, Camarate aproximou-se do grande pianista e professor de piano Luigi Chiaffarelli, afirmando que em São Paulo “ganhei a amizade da família Chiaffarelli, uma família de sinceros e de bons” (*Correio Paulistano*, 1 jan. 1899:1). O pianista convidou-o para também ser colaborador do “almanaque ilustrado de informação musical” *A Musica Para Todos*, de publicação quinzenal, do qual era diretor. Em seu primeiro número, Camarate não é somente o autor do “Prefácio”, como tem sua foto publicada entre os grandes músicos.

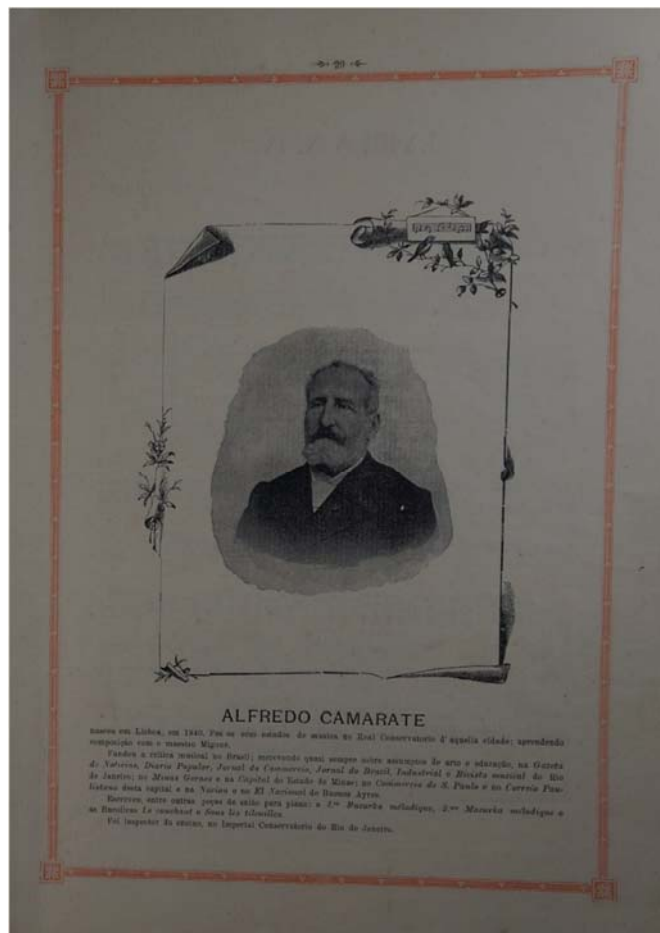


Fig. 2: Foto de Alfredo Camarate, acompanhada por resumo biográfico. Fonte: *A Musica Para Todos*: Gazeta Litteraria Musical Illustrada. São Paulo, 1899: 29.

Após um ano de trabalho tão intenso, o ano de 1899, estranhamente Alfredo Camarate não mais se encontra entre os colaboradores do *Correio Paulistano* no ano seguinte. Seu nome praticamente desaparece dos órgãos de imprensa locais que tivemos acesso, mas tudo só nos foi esclarecido em 1904, acompanhando a notícia de seu falecimento. Encontramos notas

V Simpósio Internacional Música e Crítica
Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas
22-23 de novembro de 2021

fúnebres e duas matérias, no *Correio Paulistano* e no jornal *O Paiz*, do Rio de Janeiro, ambas do dia posterior à sua morte, ocorrida no dia 27 de janeiro de 1904. Nenhum dos jornais responde por completo às indagações que teríamos, sobre ele e seu estado de saúde nos últimos anos, mas ambos oferecem informações que se complementam. O jornal paulista informa que ele havia dado entrada na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, há quatro dias, vítima de um segundo ataque apoplético, “que por sinal já ali o levara uma vez” (*Correio Paulistano*, 28 jan. 1904: 2). No jornal carioca encontra-se: “lá se encaminhava, arrastadamente, com o braço direito inútil a balouçar [...]” (*O Paiz*, 28 jan. 1904: 2). Ambos nos permitem entender porque ele teria deixado de cooperar no *Jornal do Commercio* subitamente, após um ano de tão intensa produção.

O periódico paulista informa também que ele “trabalhava ultimamente como secretário da empresa do teatro Polytheama, onde o colocou a generosidade dos diretores da *Companhia Antartica Paulista*” (*Correio Paulistano*, 28 jan. 1904: 2). Ambos os jornais trazem ainda resumos biográficos que diferem bastante quanto à sua chegada ao Brasil, mas são unânimes em reconhecer seu valor como crítico musical e sua característica veia humorística. Optamos por terminar nosso texto citando trecho de um amargo balanço que faz Camarate sobre sua longa carreira, da série “Peccados de jornalista”, em seus últimos anos de vida: “Ora vejam: tenho escrito mais de cinco mil artigos nas folhas diárias, traduzi noventa e dois volumes de trezentas páginas de romances franceses; traduzi as obras de Emilio Castellar ... e não tenho vintém!” (CAMARATE, 14 mai. 1899: 1)

Referências:

- Livros

AUGUSTO, Antonio José. *A questão Cavalier: música e sociedade no Império e na República* (1846-1914). Rio de Janeiro: Folha Seca; Funarte, 2010.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. 2. ed. rev., ampl., atual. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Academia Brasileira de Letras, 2001. 2 v.

GOLDBERG, Luiz Guilherme; OLIVEIRA, Amanda; MENUZZI, Patrick (Org.). *Transcrições guanabarinas: antologia crítica – O Paiz* (1890-1899). Porto Alegre: LiquidBook, 2019, v. 1, 2.

GUANABARINO, Oscar. *Folhetins sobre a ópera Fosca de Carlos Gomes*. Rio de Janeiro: Gazeta da Tarde, 1880.

RODRIGUES, Lutero. *Carlos Gomes – um tema em questão: a ótica modernista e a visão de Mário de Andrade*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

V Simpósio Internacional Música e Crítica
Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas
22-23 de novembro de 2021

- Artigos publicados em periódicos

- Alfredo Camarate. *Gazeta Musical*, Rio de Janeiro, ano III, n. 6, p. 63-5, abr. a jun. 1893.
- CAMARATE, Alfredo. Academia de Bellas Artes: galeria de pintura. *Revista Musical e de Bellas Artes*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 7, p. 49-50, 27 mar. 1880.
- CAMARATE, Alfredo. O “Guarany”: No real theatro de S. Carlos de Lisboa. *Revista Musical e de Bellas Artes*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 9, p. 65-7, 24 abr. 1880.
- CAMARATE, Alfredo. Carlos Gomes e o *Salvator Rosa*. *Revista Musical e de Bellas Artes*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 22, p. 173-4, 21 ago. 1880.
- A Musica Para Todos: Gazeta Litteraria Musical Illustrada*. São Paulo, 1899.
- Revista Brasileira de Música*, Rio de Janeiro, v. 19, 1991.

- Trabalhos publicados em anais de eventos científicos

- RODRIGUES, Lutero. Carlos Gomes e Portugal: não somente uma passagem obrigatória. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA, XI, 2016, Juiz de Fora. *Anais XI Encontro Musicologia Histórica de Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Pró-Música; UFJF, 2018. p. 131-8. Link do Artigo: http://www.promusicaufjf.com.br/emh/arquivos/6_LuteroRodrigues.pdf

- Monografias, dissertações e teses

- CASTRO, Maria Teresa Mendes de. *A formação da vida musical de Belo Horizonte: sua organização social em torno do ensino de piano de 1890 a 1963*. Tese de Doutorado em Educação – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- COSTA, Thiago Carlos. *O escritor andarilho por entre montes, letras, vales e memórias: Alfredo Camarate e a construção de Belo Horizonte*. Dissertação de Mestrado em Letras – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

- Trabalhos publicados online

- SANTOS, Marcos Florence Martins. *Percursos da crítica de arte brasileira na segunda metade do Século XIX*. [S. l.]: Programa Nacional de Apoio à Pesquisa da Fundação Biblioteca Nacional, 2015. Disponível em: <http://percursos-critica-arte-brasileira-segunda-metade-seculo-xix.pdf> Acesso em: 10 out. 2021.

- Artigos de jornais

- CAMARATE, Alfredo. Um caso de consciencia, *Correio Paulistano*, São Paulo, ano XLV, n. 12 573, p. 1, 28 jul. 1898.
- CAMARATE, Alfredo. Balanço Annual, *Correio Paulistano*, São Paulo, ano XLVI, n. 12 708, p. 1, 1 jan. 1899

V Simpósio Internacional Música e Crítica
Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas
22-23 de novembro de 2021

CAMARATE, Alfredo. Pensemos na mulher (IV), *Correio Paulistano*, São Paulo, ano XLVI, n. 12 741, p. 1, 9 fev. 1899.

CAMARATE, Alfredo. Peccados de jornalista (III), *Correio Paulistano*, São Paulo, ano XLVI, n. 12 798 ou 799, p. 1, 20 abr. 1899.

CAMARATE, Alfredo. Peccados de jornalista (XIV), *Correio Paulistano*, São Paulo, ano XLVI, n. 12 810, p. 1, 3 mai. 1899.

CAMARATE, Alfredo. Peccados de jornalista (XVI), *Correio Paulistano*, São Paulo, ano XLVI, n. 12 812, p. 1, 5 mai. 1899.

CAMARATE, Alfredo. Peccados de jornalista (XXIII), *Correio Paulistano*, São Paulo, ano XLVI, n. 12 819, p. 1, 13 mai. 1899.

CAMARATE, Alfredo. Peccados de jornalista (XXIV), *Correio Paulistano*, São Paulo, ano XLVI, n. 12 820, p. 1, 14 mai. 1899.

RIANCHO, Alfredo. Dezessete pianos! *Correio Paulistano*, São Paulo, ano XLVI, n. 12 830, p.1, 24 mai. 1899.

Alfredo Camarate. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 2, 28 jan. 1904.

Correio Paulistano, São Paulo, p. 4, 15 fev. 1898.

Apanhei-te, cavaquinho! *Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro, ano II, n. 252, p. 3, 12 set. 1876.

CAMARATE, Alfredo. Temporada Lyrica. *Jornal do Brazil*, Rio de Janeiro, ano I, n. 94, p. 1-2, 11 jul. 1891.

NABUCO, Joaquim. Um Perfil de Jornal. *Jornal do Brazil*, Rio de Janeiro, ano I, n. 202, p. 1, 27 out. 1891.

RIANCHO, Alfredo. Aventuras extraordinarias! *Jornal do Brazil*, Rio de Janeiro, ano I, n. 124, 10 ago. 1891. Variedades, p. 2.

RIANCHO, Alfredo. Viagem a prosa reduzida (XIV), *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ano 73, n. 255, p. 5, 13 set. 1895.

Varias Noticias. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ano 70, n. 357, p. 2, 23 dez. 1892.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, ano 73, n. 82, p. 2, 23 mar. 1895.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, ano 75, n. 223, p. 2, 13 ago. 1897.

Alfredo Camarate. *O Paiz*, Rio de Janeiro, p. 2, 28 jan. 1904.

Lutero Rodrigues - Nascido em 1950, estudou música no Brasil e Alemanha. Tem Mestrado (UNESP) e Doutorado (USP) em Musicologia. Sua Tese de Doutorado, sobre o compositor Carlos Gomes, recebeu o Prêmio Funarte de Produção Crítica em Música – 2010 e tornou-se livro, em 2011 (Editora UNESP). Foi regente de diversos coros, destacando-se o Madrigal Klaus-Dieter Wolff e diversas orquestras, com destaque para a Sinfonia Cultura – Orquestra da Rádio e TV Cultura que priorizou o repertório brasileiro. Há mais de 40 anos dedica-se à pesquisa de música brasileira, o que resultou em inúmeras publicações. Em 2002, foi eleito membro da Academia Brasileira de Música, e em 2010, tornou-se Professor do Departamento de Música do Instituto de Artes da UNESP, em São Paulo.